

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

Imagens da derrocada do nazismo na Literatura e no Cinema Alemão Contemporâneo

Elcio Cornelsen¹

Titel: Bilder des Untergangs des Nationalsozialismus in der zeitgenössischen Literatur und im zeitgenössischen Film in Deutschland

Title: Images of the Nazi Downfall in Contemporary German Literature and Contemporary German Film

Palavras-chave: Literatura Alemã Contemporânea; Cinema Alemão Contemporâneo; *A queda*; *Morcegos*; passado nazista.

Schlüsselwörter: zeitgenössische deutsche Literatur; zeitgenössischer deutscher Film; *Der Untergang*; *Flughunde*; Nazi-Vergangenheit.

Key-words: Contemporary German Literature; Contemporary German Film; *Downfall*; *The Karnau Tapes*; Nazi Past.

Introdução

O processo histórico que culminou com a Queda do Muro de Berlim em 09 de novembro de 1989 e com a consequente Reunificação Alemã significou não só um momento histórico singular para uma nova conformação geopolítica europeia e mundial, como também repercutiu de modo decisivo na produção cultural alemã.

¹ Professor de Língua e Literatura Alemã (Graduação), de Teoria da Literatura e Literatura Comparada (Pós-Graduação) na Faculdade de Letras da UFMG; Professor de Estudos do Lazer (Pós-Graduação) na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Doutor em Estudos Germanísticos pela Freie Universität Berlin (1999), com pós-doutorado em Estudos Organizacionais pela FVG (2005) e em Teoria Literária pelo IEL-Unicamp (2010); Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq; Email: cornelsen@letras.ufmg.br

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

Se considerarmos a Queda do Muro num sentido mais amplo em termos de alcance e repercussão, podemos situá-la no centro desse processo. Por assim dizer, trata-se de um marco histórico não apenas significativo para a própria Alemanha, mas uma verdadeira cisão que abrange em si diversos significados, inclusive no âmbito global: o marco do fim da Guerra Fria entre os blocos hegemônicos ocidental e oriental, então liderados pelos Estados Unidos e, respectivamente, pela União Soviética; o início de uma nova conformação geopolítica e econômica local (a Alemanha unificada) e regional (a União Europeia), e a consolidação de uma nova conformação geopolítica e econômica.

No período de 1990 até o presente, podemos constatar algumas tendências distintas que influenciam as produções literárias e cinematográficas na Alemanha. Uma delas seria, justamente, a tendência de “revisitação” do passado nazista e da Segunda Guerra Mundial. Movendo-se num espaço entre “releitura” e “revisão” da História, seus autores e, respectivamente, diretores rompem com certos tabus sobre o período nazista e a guerra. O retorno ao passado do “Terceiro Reich” faz com que cineastas e escritores que lidam com essa temática rompam com certos tabus, muitas vezes correndo o risco de não apenas “reler” o passado, mas também de “rasurá-lo”.

Nesse sentido, elegemos o romance *Flughunde* (1996; “Morcegos”), de Marcel Beyer, e o filme *Der Untergang* (2004; *A queda*), de Oliver Hirschbiegel como objetos de análise. A partir de um viés conceitual, a tendência de “revisitação” do passado nazista na contemporaneidade pressupõe uma fundamentação teórica específica que contemple questões em torno da própria noção de “releitura” dentro da relação entre Literatura, História e Memória.

Neste caso, por um lado, tomaremos o conceito de “reescrita da História”, proposto por Sandra Jatahy Pesavento no âmbito da Nova História Cultural ao afirmar que “[t]udo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas” (PESAVENTO 2005: 16). Por outro lado, valer-nos-emos também da delimitação do conceito de “revision” enquanto “performance literária” (SULEIMAN 2006b: 132), proposto em oposição a “negacionism” (SULEIMAN 2006a: 166) por Susan Rubin Suleiman, no âmbito da Teoria do Testemunho.

Flughunde, ou a “sonoplastia” do bunker de Hitler

Um dos expoentes da nova geração de escritores que iniciaram suas carreiras após a Queda do Muro de Berlim e a Reunificação Alemã é Marcel Beyer (1965*). A título de análise do romance *Flughunde*, elegemos o capítulo IX (BEYER 1995: 283-301), o último do livro, no qual tem lugar um episódio nefasto dos nazistas em seus dias derradeiros no bunker: o envenenamento dos filhos de Joseph e Magda Goebbels.

Todavia, antes de iniciarmos a análise propriamente dita, devemos situar o narrador e protagonista do romance: Hermann Karnau é um jovem sonoplasta, cujo fetiche é a voz humana. Em 1940, em plena guerra, decide pesquisá-la, colecionando, para isso, uma série de gravações em disco, desde as últimas palavras e sons de soldados moribundos no *front*, e até fazendo experiências com a voz humana a serviço do nazismo. Esse narrador em primeira pessoa, intradieético, foi composto enquanto *persona* – instância narrativa e personagem – a partir de uma figura histórica: Hermann Karnau fora sentinela no bunker de Hitler – o chamado *Führerbunker* – e uma das primeiras pessoas que testemunharam aos Aliados a morte do ditador (BYFORD-JONES 1947: 84-85).

Entretanto, há no romance também uma segunda instância narrativa, igualmente histórica: a pequena Helga, de oito anos no início do romance, filha mais velha do Ministro da Propaganda Joseph Goebbels. A trajetória das duas instâncias narrativas se cruza algumas vezes ao longo do romance, atingindo o seu ápice em abril de 1945, quando Hermann Karnau vivencia seus últimos dias no bunker, para gravar a voz de Hitler. Em sua profissão de sonoplasta, Hermann Karnau age quase como um “voyeur”, com a diferença de que este se sente atraído pelas imagens, enquanto que o protagonista do romance de Marcel Beyer se deixa levar pela sonoridade. Um desses discos que estão em posse de Karnau é definido pelo sonoplasta como um “bem assustador” (*erschreckender Besitz*), pois contém as últimas gravações das vozes das crianças, filhos de Martha e Joseph Goebbels, antes de sua morte.

A partir daí, Karnau passa a narrar sobre a cena da morte: “A mãe teria dito em voz baixa: crianças, não tenham medo, o doutor lhes dará uma injeção, que todas as crianças e soldados estão recebendo” (BEYER 1995: 288). Todavia, esta não seria a única versão apresentada por Hermann Karnau em seu relato, pois haveria outra, que

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

envolveria um segundo médico no assassinato das seis crianças, de acordo com o segundo depoimento do Dr. Kunz, datado de 19 de maio de 1945. Entretanto, os relatos não param por aí, pois mais duas testemunhas apresentam suas versões: Schwägermann, auxiliar de Joseph Goebbels, e Mischa, telefonista no bunker (BEYER 1995: 295).

Portanto, em seu relato, Hermann Karnau se demora no episódio da morte dos filhos de Magda e Joseph Goebbels, não só pela estima que nutria por eles, como também por sua amizade com Helga. Em termos narrativos, há um exemplo patente da relativização do discurso histórico frente às versões apresentadas para o ocorrido.

Num autêntico procedimento memorialista, tudo parece ser para Hermann Karnau elemento decisivo no esclarecimento dos atos do passado: os discos contendo as gravações de áudio do bunker; os depoimentos de supostas testemunhas; o relatório e as fotografias da autópsia. Em relação a estas últimas, aliás, Karnau volta a levantar uma questão: “Os autos falam de tranças, mas, na foto mortuária, Helga está de cabelos soltos. Quem teria feito as tranças no cadáver? Foi a mão com luva de borracha dos patologistas?” (BEYER 1995: 299)²

Portanto, Hermann Karnau, feito um “morcego” que tem a capacidade de ouvir frequências de ultra-som não captadas pelo ouvido humano, procura reconstituir a partir das gravações secretas e de vários depoimentos os últimos momentos dos filhos de Magda e Joseph Goebbels, os quais se suicidaram em 1º de maio de 1945, após envenenarem os próprios filhos. Além disso, deve ser ressaltado que Marcel Beyer adota, justamente, a perspectiva de um agente do Estado nazista para contar a história da derrocada do Terceiro Reich, que não só é parte do próprio aparato e conhece bem os meandros do poder, como também circula entre a alta cúpula e vivencia de perto os últimos dias dos líderes nazistas e de seus familiares no bunker da Chancelaria. Por assim dizer, o narrador-personagem Karnau é um “anti-herói”, que vive ideologicamente conforme o regime e representa o olhar adulto para os acontecimentos, enquanto que Helga Goebbels apresenta o olhar infantil em sua narrativa.

² No original (BEYER 1995: 299):

Die Akte spricht von Zöpfen, doch auf dem Totenphoto trägt Helga das Haar offen. Wer hat der Leiche die Zöpfe entflochten: War es die Pathologenhand im Gummihandschuh?

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

Der Untergang, ou os últimos dias do “Reich de Mil Anos”

Dentre os filmes de ficção que lidam com o passado nazista na contemporaneidade, elegemos o filme *Der Untergang* (2005), de Oliver Hirschbiegel, por considerar que ele dialoga com o romance *Flughunde*, de Marcel Beyer: ambos apresentam imagens ficcionais dos últimos dias de Hitler no bunker, até a derrocada total. A polêmica toda gerada pelo filme *Der Untergang*, uma superprodução de Bernd Eichinger, situa-se no fato de ele tender a uma postura que pode ser percebida também no romance de Marcel Beyer: a “humanização” dos algozes.

O filme *Der Untergang* se baseia na obra homônima do historiador Joachim Fest, publicada em 2002, bem como nas memórias da secretária particular de Hitler, Traudl Junge, publicada em 2002 com o título *Bis zur letzten Stunde* (“Até a última hora”), e que foi lançada no mesmo ano em forma de documentário com o título *Im toten Winkel* (“No recanto esquecido”), dirigido por André Heller e Othmar Schmiderer. Aliás, trechos desse documentário são exibidos no começo e no fim de *Der Untergang*. Além desses materiais, o produtor e autor do roteiro do filme, Bernd Eichinger, contou também com a obra *1945: als Arzt in Hitlers Reichskanzlei* (1985; “1945: como médico na Chancelaria do Reich de Hitler”), de Ernst Günther Schenck.

Outro aspecto apontado pela crítica como negativo no filme *Der Untergang* seria a banalização das atrocidades cometidas em nome do nazismo, uma vez que o filme não faria menção aos campos de concentração e de extermínio, e ao Holocausto. Consideramos que tal crítica é pertinente, uma vez que seria impossível e improvável – e, portanto, inverossímil – que em nenhum momento o genocídio e todo o maquinário da morte, que demandava ordens, não fossem sequer mencionados em nenhuma cena.

A título de comparação com o episódio do romance de Marcel Beyer, interpretado anteriormente, elegemos a passagem correspondente no filme, em que os seis filhos de Magda e Joseph Goebbels são mortos. Por não querer que seus filhos crescessem num mundo sem o nazismo, Magda, que ficara fiel a Hitler até o final, decidiu matar os próprios filhos no dia 30 de abril de 1945. Na cena do filme, primeiramente, ela entra no quarto e encontra Helga lendo uma história para os irmãos, e dá sonífero aos filhos, previamente preparado pelo Dr. Ludwig Stumpfegger com a

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

indicação de que ele teria um efeito de até quatro horas. O médico que lhe acompanha nesse ato diz às crianças que se trata de um medicamento para que elas não adoeçam no bunker. Como se recusa a beber o “medicamento”, pois parece perceber as intenções da mãe, Helga é pressionada por Magda que lhe abre a boca à força, enquanto o médico despeja o sonífero. Em seguida, Magda e o médico saem do quarto e encontram Joseph Goebbels do lado de fora. Após algum tempo, Magda retorna ao quarto das crianças, acompanhada de seu marido, que se recusa a entrar. Enquanto ele permanece do lado de fora, Magda introduz cápsulas de cianureto nas bocas das crianças e faz com que elas se rompam, matando-as uma a uma. Após a morte das crianças, Magda se dirige a uma sala e se senta a uma mesa, onde começa a jogar paciência, ao olhar de Goebbels e de Rochus Misch, telefonista no bunker.

Enquanto o filme de Oliver Hirschbiegel oferece ao espectador uma leitura unívoca da história, a partir de uma determinada perspectiva, o romance de Marcel Beyer parece polemizar justamente com essa possibilidade. Para a morte das crianças há várias versões, e os documentos e depoimentos de testemunhas, elementos fundamentais em termos metodológicos para um trabalho historiográfico, se revelam insuficientes. Além disso, as gravações de Karnau ainda evocam a imaginação, ainda precisam ser “preenchidas” de sentido a partir da sua materialidade sonora.

Flughunde e Der Untergang: releitura ou rasura?

Nota-se que a produção literária e cinematográfica sobre o passado nazista na Alemanha após 1990 pauta-se pelo olhar para aspectos até então considerados tabus. De todas as tendências principais, consideramos que a releitura do passado nazista é a mais polêmica de todas, pois pode se aproximar de um viés que vai além da releitura, aproximando-se do “revisonismo”, ou seja, da rasura histórica.

Portanto, o escritor Marcel Beyer constrói duas perspectivas, sendo que, enquanto Karnau estabelece uma relação hierárquica de subalternidade em relação ao ministro da propaganda Joseph Goebbels, a pequena Helga, aos oito anos de idade no início do romance, apresenta Goebbels como figura paterna – chamando-o de “Papa”,

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

“papai”. Deste modo, ocorre uma espécie de dissonância cognitiva em relação ao narrado, pois o conhecimento histórico do leitor é confrontado com as visões de Karnau e de Helga. Obra extremamente polêmica, *Flughunde* joga com o conhecimento histórico prévio do leitor e apresenta, ao mesmo tempo, a perspectiva de “algozes” e de “vítimas”, como é o caso de Helga, envenenada, juntamente com os irmãos menores, com o consentimento de sua mãe, Magda Goebbels, nos últimos dias do “Terceiro Reich” (BEYER 1996: 278-279).

Assim como no caso do romance de Marcel Beyer, recai sobre o filme *Der Untergang* a suspeita de “revisionismo” histórico. O próprio recorte temporal – os últimos dias de Hitler no bunker – contribui para isso, uma vez que em nenhum momento do filme tal atmosfera é confrontada com todas as atrocidades cometidas pela Alemanha nazista desde o início da guerra, principalmente no Leste europeu. Se no romance *Flughunde* a ficcionalização do olhar infantil de Helga Goebbels parece querer despertar o sentimento de compaixão no leitor, no filme *Der Untergang* a total destruição da cidade de Berlim parece se encarregar disso, na medida em que o sofrimento próprio é apresentado separado do sofrimento alheio – devidamente “eclipsado” no filme de Oliver Hirschbiegel.

Por fim, a título de conclusão, devemos apresentar uma última reflexão sobre as noções de “releitura” e “revision”, aplicadas às obras interpretadas. Como já fora apontado anteriormente, Sandra Jatahy Pesavento, uma das principais historiadoras brasileiras no âmbito do *New Historicism*, ressalta o fato de que o relato histórico de um determinado evento pode sofrer alterações, de acordo com possíveis demandas do presente em que tal evento é rememorado. Sendo assim, haveria a possibilidade para “várias versões narrativas” (PESAVENTO 2005: 16).

Desse modo, entendemos que o romance *Flughunde*, pelo próprio caráter ficcional, não propõe uma narrativa unívoca, mas sim pontos de vista de duas instâncias narrativas – Hermann Karnau e Helga Goebbels – como possibilidade de vivências distintas dos mesmos eventos. Tal univocidade também é refutada pelas diversas versões para o envenenamento e a morte dos seis filhos de Magda e Joseph Goebbels. Além disso, Karnau está longe de ser uma personagem “heróica”, com a qual o leitor, eventualmente, pudesse se identificar. Ao contrário, ele é parte do sistema e agente do regime, que partilha de sua ideologia.

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

Portanto, podemos dizer que Marcel Beyer procede de modo semelhante àquele definido pela teórica norte-americana Susan Rubin Suleiman (2006b: 132), como “revision”, que nada tem a ver com “revisonismo” ou “rasura” histórica, uma vez que representa um processo pelo qual um dado evento do passado não é meramente repetido, mas continuamente reinterpretado à luz de preocupações do presente (SULEIMAN, 2006b: 140), numa espécie de “performance literária” (SULEIMAN 2006b: 158).

Por sua vez, o filme *Der Untergang* nos leva a refletir se, de fato, o mesmo ocorreria neste caso. Em princípio, embora estabeleça também determinados pontos de vista – o principal deles seria da secretária particular de Hitler, Traudl Junge – e estabeleça um jogo entre o universo “protegido” e claustrofóbico do bunker e a total destruição do mundo exterior –, há certa busca por univocidade, que pode provocar no espectador um efeito distinto daquele provocado pelo romance *Flughunde* no leitor: se este último possibilita ao leitor desconfiar e se distanciar das instâncias narrativas, sobretudo de Hermann Karnau, aquele parece não provocar tal distanciamento crítico, possibilitando um sentimento muito mais de compaixão em determinados episódios, do que propriamente, uma crítica.

Deste modo, consideramos que produções literárias e artísticas, exemplificadas aqui a partir da análise do romance *Flughunde* e, respectivamente, do filme *Der Untergang*, enquanto produtos resultantes de intenções provocadas por uma mudança de paradigma na atualidade, não só podem “reler” o passado no sentido de uma “revision”, como também “rasurá-lo”.

Referências bibliográficas

- BEYER, Marcel. *Flughunde*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996.
- BYFORD-JONES, Wilfred. *Berlin Twilight*. London; New York: Hutchinson, 1947.
- PESAVENTO, Sandara Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (1. ed. 2003)

Cornelsen, E. – Imagens da derrocada do nazismo

SULEIMAN, Susan Rubin. Do Facts Matter in Holocaust Memoirs? Wilkomirski/Wiesel.

In: SULEIMAN, Susan Rubin. *Crises of Memory and the Second World War*.
Cambridge; London: Harvard University Press, 2006a: 159-177.

SULEIMAN, Susan Rubin. Revision: Historical Trauma and Literary Testimony. In:

SULEIMAN, Susan Rubin. *Crises of Memory and the Second World War*.
Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006b: 132-158.

Filmografia

HIRSCHBIEGEL, Oliver (dir.). *Der Untergang* (2004). Alemanha, cor, 155 min.